

Referencia para citar este artículo: Da Rocha, S. L. Alves (2016). Experiência e tradição em Walter Benjamin: ressonâncias para a educação. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 14 (1), pp. 121-132.

Experiência e tradição em Walter Benjamin: ressonâncias para a educação*

SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA**

Professor Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Brasil.

Artículo recibido en junio 26 de 2015; artículo aceptado en septiembre 9 de 2015 (Eds.)

• **Resumo (descritivo):** *O proceso educativo faz com que diferentes gerações tenham que relacionar-se. Diante das modificações dos últimos anos, alguns professores, adotam ora uma perspectiva saudosista, ora um discurso que valoriza de modo extremo os jovens e o novo. A ênfase, seja na experiência dos mais velhos, com a conseqüente desvalorização dos mais jovens, ou da experiência dos mais jovens, renegando-se a experiência dos mais velhos, nos impede de estabelecer pontes entre as gerações. Utilizo alguns textos de Walter Benjamin para refletir sobre o significado da experiência e da tradição. As ideias de Benjamin me permitem pensar sobre a relação entre as gerações no interior da escola a partir de uma postura ética que reconheça nosso papel como representantes de uma determinada tradição sem deixar de estarmos abertos às experiências dos jovens.*

Palavras-chave: geração, tradição, experiência, Walter Benjamin (Thesaurus de Ciências Sociais da Unesco).

Experience and tradition in Walter Benjamin and its resonance for education

• **Abstract (descriptive):** *The educational process put generations together. The latest changes made the teachers assume sometimes a nostalgic perspective, holding the past and denying the present, and other times accept a speech that values, on an extreme way, the youth and the new. The focus on the older's experience with the devaluation of the younger's experience or on the younger's experience denying the older's experience keeps us from establishing links between the generations. I use some Walter Benjamin's texts to reflect about the meaning of experience and tradition. The reflection about such Benjamin ideas made me think about the relation between the generations inside the school from one ethical attitude, that recognizes our role as representatives of one tradition and that still makes us open for the youth's experiences.*

Key words: generation, tradition, experience, Walter Benjamin (Unesco Thesaurus Social Science).

* O presente artigo **revisão de tema** foi desenvolvido como parte das reflexões do projeto de doutorado em educação sobre a relação entre alunos e professores de uma escola pública com a leitura, inserido em um projeto Institucional mais amplo, intitulado "Educação e Mídia: imagem técnica e cultura escrita", desenvolvido no ProPEd-UERJ. A investigação que deu origem ao artigo iniciou-se em Março/2007 e foi finalizada Março/2011. A pesquisa que originou este artigo resultou em uma Tese de doutorado, defendida em 28 de março de 2011. Área: Educação; Subárea: Educação geral.

** Doutor em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd-UERJ). Correio eletrônico: sergio.rocha@ifrj.edu.br



Experiencia y tradición en Walter Benjamin: Resonancias para la educación

• **Resumen (descriptivo):** *El proceso educativo hace que distintas generaciones se relacionen. Frente a las modificaciones de las últimas décadas algunos profesores adoptan desde una perspectiva nostálgica hasta un discurso elogioso y a veces extremo sobre los jóvenes y sobre lo nuevo. El énfasis, sea en la experiencia de los más viejos, el desprecio de la experiencia de los más jóvenes o renegando de la experiencia de los más viejos, nos impide establecer puentes entre las generaciones. Utilizo textos de Walter Benjamin para reflexionar sobre la experiencia y la tradición. Las ideas de Benjamin permiten pensar acerca de la relación entre generaciones al interior de la escuela a partir de una posición ética que reconoce nuestro papel como representantes de una determinada tradición sin dejar de estar abiertos a las experiencias de los jóvenes.*

Palabras clave: generación, tradición, experiencia, Walter Benjamin (Tesauro de Ciencias Sociales de la Unesco).

-1. Introdução. 2. A experiência dos mais velhos X (in)experiência. -3. A natureza da tradição. -4. Reflexões. -Referências.

1. Introdução

“Há dois sinais de envelhecimento. O primeiro é desprezar os jovens. O outro é quando a gente começa a adúlá-los.”

Mário Quintana

Em minha trajetória de professor-pesquisador, uma de minhas preocupações foi a de encontrar um lugar que me situasse de alguma forma entre os dois polos que foram tão bem descritos por Mário Quintana (1986) na epígrafe deste texto. Um lugar entre o “desprezo” e a “adulação” às novas gerações. Na verdade, um questionamento que de início era muito menos acadêmico e muito mais existencial, ligado ao meu cotidiano como professor e ao constante contato com os meus jovens alunos, ora maravilhosos, ora irritantes.

Em muitos momentos pensei não ter o que dizer ou não sabia como agir em relação a eles; em outros, devo confessar, deixei de lado qualquer senso crítico para fazer apologia de suas produções, de sua infinita capacidade criativa. Se antes não tinha dúvidas de que a minha trajetória de vida deveria ser considerada modelar, agora, muitas vezes, corro para o polo

oposto, acreditando que nela não há nada que possa ser significativo para meus alunos.

Essa atitude pendular reflete, do ponto de vista mais geral das ideias, principalmente em momentos de rápidas mudanças como este que agora vivemos, duas posições sobre a natureza das mudanças e seus efeitos. De um lado, a possibilidade de, diante da novidade, olhar para o passado e buscar na tradição uma crítica à suposta desordem promovida pelas transformações. Mesmo que não exista necessariamente uma forte presença do passado como solução para aquilo que se identifica como crise, a reflexão sobre o presente será sempre feita a partir de seu caráter intrinsecamente negativo. De outro lado, a possibilidade de constituir uma postura essencialmente otimista em relação ao presente e ao futuro que se apresenta, renegando o passado e a tradição como algo ultrapassado, um empecilho ao progresso. Em nossas sociedades, em que o peso da tradição oral foi relativizado por outras diversas formas de transmissão de nossa história, os depositários da tradição são constantemente desqualificados como fonte de conhecimento válido. A novidade, principalmente associada aos avanços técnicos, tem sido muitas vezes valorada em si mesma. Impõe-se, nessa perspectiva, a necessidade de negar o passado e de recomeçar do zero.

Essas duas posições -atribuindo importância, seja ao velho, seja ao novo-, quando cristalizadas, inviabilizam a possibilidade de diálogo entre as gerações, pois, de maneira pouco reflexiva, confere-se ora uma autoridade excessiva às gerações mais velhas, a partir de uma valorização de uma certa concepção da tradição, ora às gerações mais novas, principalmente em função de sua relação com o novo, a tecnologia, que lhes coloca em posição de superioridade diante dos mais velhos.

Penso que muito da dificuldade para refletir sobre essas questões derivam de um olhar menos profundo sobre esses dois pontos fundamentais e estreitamente vinculados, separáveis apenas em termos analíticos. De um lado, o significado da tradição e da experiência dos mais velhos diante daquilo que é experimentado pelas novas gerações. De outro, a partir dessa consideração, o que se define como conteúdo digno de ser transmitido, ou mesmo se há algo de fato a ser transmitido.

Repensar o significado da tradição e da experiência em um ambiente de rápidas mudanças tecnológicas parece um bom caminho para iniciar uma reflexão que não se hipostasie numa equação simplista que, de um lado, associa o passado e a tradição a algo que não vale mais, contrapondo-se, de outro, ao presente, à novidade, como necessariamente bons. Uma reflexão que busque um meio termo em que possamos considerar de forma crítica tanto o novo, como também os aspectos ainda significativos da tradição.

Tento, neste texto, refletir sobre essas questões baseado em algumas das ideias de Walter Benjamin, particularmente aquelas contidas em seus textos de juventude. Foram as leituras dos textos de Walter Benjamin que me auxiliaram a repensar minha posição sobre o tema da tradição e da relação entre as novas e velhas gerações que, por sua vez, tem relação com outras questões ligadas ao meu papel como professor. A importância de seus textos está também no tom que eles adotam. Benjamin não adota em sua reflexão sobre o tema da experiência uma postura saudosista e muito menos apologética em relação às transformações que estavam ocorrendo no momento em que escrevia sua obra. Desde o

primeiro momento em que travei contato com seus ensaios, identifiquei neles a possibilidade de encontrar um lugar de onde examinar as questões que me interpelam, definidas a partir do compromisso ético com o outro.

2. A experiência dos mais velhos X (in) experiência

*[...] eles venceram e o sinal está fechado
p'ra nós que somos jovens.*

(Como nossos pais. Composição de Belchior)

Início minha reflexão sobre a relação entre as gerações mais velhas e as mais novas privilegiando a análise de três textos Benjaminianos: “Experiência” (1913), “A posição religiosa da nova juventude” (1914) e “A vida dos estudantes” (1915), escritos durante a sua juventude. De acordo com Katia Muricy, podemos identificar nos textos de juventude de Benjamin, produzidos entre 1911 e 1918, vários dos temas que serão centrais em sua obra, tratados já em sua forma quase definitiva (Muricy, 1999, p. 35).

Uma dificuldade inicial em relação aos escritos de Benjamin deriva de seu trato com as palavras, o que se torna muita vezes um obstáculo à sua leitura. Mesmo a leitura de um texto relativamente conciso como “Experiência” (Benjamin, 1984a), impõe-nos uma atenção redobrada, pois, ao refletir sobre esse tema da experiência, o autor atribui-lhe sentidos que são opostos. Tal procedimento faz parte da própria essência da reflexão Benjaminiana em que a escrita constitui uma parte fundamental do fazer filosófico.

Benjamin inicia o texto “Experiência”, apresentado-nos uma série de significados negativos atribuídos a essa noção. A experiência conota tudo aquilo que foi vivido pela geração mais velha, que um dia também foi jovem, e, nesse sentido, comungou de uma postura diante da vida que é similar à das novas gerações. Uma postura de abertura à possibilidade de escolher novos caminhos, da defesa intransigente de efetuar escolhas que sejam suas. Entretanto, ao mesmo tempo, como condição para a entrada

na vida adulta, essa maneira de encarar a vida precisou ser abandonada em troca da “grande experiência” da vida adulta.

Pelo prisma da “*grande experiência*” tudo o que foi vivido pelos jovens de ontem e pelos do hoje não passa de uma etapa sem valor, de uma ilusão. Embora o adulto de hoje também tenha desejado, na sua juventude, “[...]o que agora queremos [...]” e também não tenha confiado naquilo que foi sentenciado pelos seus pais, “[...] a vida também lhe ensinou que eles [os pais] tinham razão [...]” (Benjamin, 1984a, p. 23).

Para alguns adultos, tudo aquilo que é vivido pelas gerações mais novas, angústias, sentimentos, não passam de “[...] doces devaneios pueris, em enlevação infantil que precede a longa sobriedade da vida séria”. Mas existem também aqueles, para os quais essa fase não tem o menor valor, não merecendo mesmo ser vivida a não ser rapidamente, e que, por tal razão “[...] querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida”. Anula-se qualquer positividade das etapas da vida anteriores à vida adulta, negando-lhes o valor ou definindo essas experiências como uma etapa rumo à vida adulta (Benjamin, 1984a, p. 23).

Emerge aqui uma visão do passado como algo morto, condenado a repetir-se. Um passado como derrota. À juventude não é dada a oportunidade de fazer escolhas diferentes daquelas preconizadas pelas gerações mais velhas. Restaria apenas a ela vivenciar este mesmo sentimento de que nada de novo poderia surgir a partir de sua experiência presente. Uma eterna repetição do sentimento de derrota, que faz com que a experiência do jovem seja sempre “triste”.

As gerações mais velhas não encorajam as gerações mais novas a criar nada de novo. Mesmo quando reflete sobre o seu período de juventude, o adulto, “o filisteu”, não consegue estabelecer com os sonhos de sua juventude outra relação que não seja marcada pelo ódio. Ele sabe que também um dia desejou poder efetuar suas próprias escolhas, ele foi também convocado pela “voz do espírito” (Benjamin, 1984a, p. 25). Por essa razão, ele “[...] apresenta à juventude aquela experiência cinzenta e

poderosa, aconselha o jovem a zombar de si mesmo” (Benjamin, 1984a, p. 25).

Essa mesma concepção crítica em relação a uma vida na qual não existe o espaço para a escolha está presente no texto “A vida dos estudantes”. Nele, Benjamin (1984c) reflete sobre o papel da ciência e sobre a relação entre o Estado e a universidade.

A estreita ligação entre o Estado e a universidade deturpa o real significado da ciência. A burocratização promovida pelo Estado nas universidades alemãs desvirtuou a ideia de ciência, associando-a a uma simples preparação para o desempenho de uma profissão. Com isso o “*espírito criador*” foi transformado em “*espírito profissional*” (1984c, p. 36). Mais uma vez aponta-se ao jovem, agora como estudante, a segurança da vida burguesa, sempre igual a si mesma. “Uma concepção de vida banal troca o espírito por imitações; ele consegue camuflar cada vez mais o caráter perigoso da vida intelectual e zombar das poucas pessoas lúcidas que restam como utopistas” (Benjamin, 1984c, p. 37).

Com tal visão, suprime-se do jovem estudante a possibilidade de “[...] submeter-se a um princípio, de imbuir-se de uma ideia.” (Benjamin, 1984c, p. 32). Agindo assim, a juventude anda sempre a reboque da opinião pública, sendo disputada e adulada por todos os partidos, ligando-se a eles e deixando de se definir a partir do exercício de sua função criativa. Ela deixa de lado seu papel como agente de transformação “[...] cuja missão seria converter em questões científicas, através de um posicionamento filosófico, as idéias que costumam despertar antes na arte e na vida social que na ciência.” (Benjamin, 1984c, p. 37).

É essa visão sobre a inevitabilidade de um futuro filisteu burguês que faz com que se gere uma ideia obsessiva a respeito da necessidade de se aproveitar ao máximo o período da juventude. Vislumbrando no futuro a imagem do “*velho senhor*” (Benjamin, 1984c, p. 39), da repetição da mesma história, de uma experiência sempre idêntica a si mesma, a juventude, “já que vendeu a alma à burguesia [...] valoriza os seus poucos anos de liberdade” (Benjamin, 1984c, p. 39).

Entretanto, Benjamin questiona se o objeto de nossa experiência deve sempre apresentar-se sob a capa da tristeza. É a tentativa de romper com uma concepção do passado como repetição, como derrota, que conduz Benjamin a defender a existência de uma “outra experiência”. Essa “outra experiência” (Benjamin, 1984a, p. 25) é prenhe de sentido e imaginação, nela o espírito (que também um dia convocou o adulto filisteu) se faz presente. A presença do espírito possibilita pensar a construção de novos caminhos, de vencer o eterno ciclo de fracasso saudado com entusiasmo pelo adulto filisteu¹.

É nesse sentido que Benjamin aproxima a posição da juventude à da religião. Diante de uma experiência que se apresenta como a repetição do mesmo, de uma concepção de sua existência como uma etapa recheada de sentimentos e preocupações inocentes ou mesmo indignas de tal denominação, a juventude anseia pela possibilidade de manter vivo o espírito, de poder fazer suas próprias escolhas. Em um mundo onde “[...] a bifurcação dos caminhos não aponta para parte alguma [...]” a juventude vê-se diante do “[...] caos no qual os objetos de sua opção (os sagrados) desaparecem” (Benjamin, 1984b, pp. 27-28).

A palavra religião não se refere à escolha de uma forma de religião institucionalizada. A juventude está associada à religião na medida em que o que define a posição religiosa é “[...] a disponibilidade permanente para uma escolha” (Muricy, 1999, p. 50).

Nesses textos emerge a preocupação de Benjamin em conferir à experiência da juventude uma positividade. A juventude não é vista como uma etapa preparatória para a vida adulta, mas um momento da vida que deve ser visto em sua especificidade. Benjamin nos convida a nos relacionarmos com os jovens sem impingir-lhes nosso próprio modelo de vida como modelo universal de sucesso².

1 Identificamos nesta reflexão de Benjamin uma oposição a uma determinada visão sobre a história, contada sempre do ponto de vista daqueles que venceram. Daí a necessidade de recuperar a dimensão criativa, do espírito. Voltaremos a este tema mais adiante neste trabalho.

2 No texto “Sobre o programa de uma filosofia vindoura”, Benjamin analisa as contribuições de Kant para a temática da experiência. A reflexão de Kant, inserida no contexto do iluminismo, valorizou a razão em detrimento da experiência. A razão é universal e intemporal enquanto a experiência é temporal e particular. Cabe

3. A natureza da tradição

*O que há algum tempo
era novo, jovem / Hoje
é antigo / E precisamos
todos rejuvenescer / (...) No
presente a mente, o corpo
é diferente / E o passado é
uma roupa que não nos serve
mais.*

(Velha roupa colorida Composição de Belchior)

Mantendo como estrutura geral sua preocupação com a ressignificação da tradição como algo acabado e inerte, Benjamin adicionará novos elementos a sua reflexão em textos posteriores, tais como “Experiência e pobreza” (Benjamin, 1994a) e “O narrador” (Benjamin, 1994c).

Em “Experiência e pobreza”, ele cita a história do viticultor que, à beira da morte, segreda aos filhos a existência de um tesouro em sua propriedade. Os filhos, animados pela perspectiva de encontrar ouro, cavam sem parar todo o terreno. Ao acabarem de cavá-lo, nele não encontram o tão sonhado tesouro. Entretanto, com a chegada do outono, animadas pelo trabalho do revolver a terra, as vinhas frutificam de forma soberba, superando todas as outras da região. Benjamin conclui que nisso consistiu a transmissão pelo agricultor de uma experiência a seus filhos: a de que o trabalho é a base da felicidade. Benjamin, então, reflete sobre as dificuldades existentes na modernidade para que a experiência continue sendo transmitida.

Comparando com o que foi dito antes em relação aos textos de juventude, pareceria haver nesse texto uma mudança de perspectiva no que diz respeito às relações entre as gerações mais velhas e as mais novas. A própria narrativa inicial acentua o caráter agora positivo de uma

à razão organizar o conteúdo da experiência, ultrapassando-a. Benjamin, ao contrário, afirma que a experiência supera o tempo, pois ela é histórica. Ela incorpora-se à tradição e à cultura. Nesse sentido ela pode nos fornecer uma outra forma de acesso à realidade que não aquela definida apenas em termos racionais (Benjamin, 1970).

certa forma de transmissão da experiência entre as gerações³.

Um elemento para entender essa mudança é proposto por Kátia Muricy que afirma ter havido uma alteração na perspectiva analítica Benjaminiana em função de uma ressignificação do conceito de experiência. Enquanto nos escritos juvenis ainda existe a ideia de possibilidade de construção de uma experiência totalizante, por volta de 1924 essa convicção desapareceria. Conjugada a essa mudança de perspectiva, está a formulação de uma crítica da modernidade e da conseqüente alteração na “estrutura da experiência” por ela provocada. (Muricy, 1999, pp. 46-47).

O desenvolvimento do capitalismo tornaria cada vez mais difícil a existência de uma experiência plena (*Erfahrung*). Como afirma Katia Muricy, o que definia este tipo de experiência (*Erfahrung*) era a relação por ela estabelecida entre a memória individual e a coletiva ao inconsciente e à tradição. No lugar da *Erfahrung* tomaria corpo a *Erlebnis*, a vivência. A memória, antes um patrimônio coletivo, torna-se cada vez mais individual, confundindo-se com a história privada da cada indivíduo. Assim, a *Erlebnis* liga-se à solidão e à percepção consciente (Muricy, 1999, pp. 183-184).

É o desenvolvimento do capitalismo, com sua divisão do trabalho, que mina a concepção de uma vida comunitária, instituída a partir da ideia de uma anterioridade moral da vida coletiva e, em seu lugar, institui a forma de organização de tipo societário que se constitui a partir da justaposição de vontades e desejos individuais e soberanos⁴.

É nesse quadro mais amplo que Benjamin pode afirmar:

[...] que as ações da experiência estão em baixa, e isso em numa geração que entre 1914 e 1918 viveu uma das mais terríveis experiências da história. [...] Na época, já se podia notar que os combatentes

tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos [...] (Benjamin, 1994a, pp. 114-115).

Essa mesma ideia do fim da possibilidade de intercâmbio das experiências será discutida no texto “O narrador” no qual, Benjamin (1994c) discute o fim da narrativa contrapondo-a a duas outras formas de comunicação: o romance e a informação de cunho jornalístico.

A arte de narrar está associada a *Erfahrung*. De acordo com Benjamin, o narrador retira da experiência, seja a sua ou a de outrem, aquilo que ele conta. Mais do que isso, ao contar ele faz com que a narrativa seja incorporada às experiências de seus ouvintes. O romance, em contrapartida, possibilitado pela invenção da imprensa, prescinde da oralidade e, ao mesmo tempo, não a alimenta. O escritor de romances é um indivíduo isolado que não poderia falar mais de forma exemplar. Ele está mais próximo da *Erlebnis*.

A consolidação da burguesia também conferiu um novo significado a uma forma de comunicação que, a exemplo do romance, não era nova: a informação. A informação jornalística vive sob o signo da novidade. Ela busca ser o mais detalhada possível com a intenção de ser absolutamente clara. Ela é, então, produzida para ser consumida, esgotada. Assim, constata Benjamin, vivemos em mundo onde a “cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações” (Benjamin, 1994c, p. 1203).

A informação se entrega totalmente na sua imediaticidade. Ela se constitui a partir da produção de uma contínua proximidade temporal e espacial. A informação trabalha contra a aquilo que confere especificidade à experiência, à densidade, ou seja, o tempo preenchido pela experiência em seu significado forte. Sua lógica é a do abreviar. Tal abreviação promove um esgotamento na medida em que os acontecimentos desaparecem ao serem consumidos.

Larrosa (2002, p. 21), ao abordar a questão da experiência, definindo-a como “[...] aquilo que nos passa, o que nos acontece, o que nos

3 O que está relacionado à ideia de que o passado não está morto, dele emanando uma força que dirige seu apelo às novas gerações (Benjamin, 1994d).

4 Para sermos fiéis às ideias de Benjamin devemos reconhecer que ele não prega a total impossibilidade da experiência na modernidade, apenas a dificuldade de sua produção nesse novo contexto histórico.

toca”, em contraposição ao que “[...] se passa, o que acontece, ou o que toca”, ressalta também o papel da informação na produção de seu declínio.

Há, segundo ele, um excesso de informação no mundo contemporâneo. Acentua-se a importância de estarmos informados e, com tal objetivo, engajamos-nos em uma frenética busca pela informação, preocupados em não obtê-la em quantidade suficiente. Conseguimos, assim, muitas informações e nos tornamos pessoas bem informadas.

Entretanto, ao agir assim, o que consegue o homem contemporâneo é “[...] que nada lhe aconteça [...]” pois “[...]a informação não é experiência [...]” e, mais do que isso, “[...] ela não deixa lugar para a experiência” (Larrosa, 2002, pp. 21-22).

Junto com a informação, Larrosa enumera como inimiga da experiência a opinião. Além de sermos informados, somos indivíduos obrigados a ter sempre uma opinião sobre qualquer assunto. Quando não temos uma opinião formulada sobre algum tema, sentimos-nos inseguros.

Citando Benjamin, ele afirma que o periodicismo, ao unir informação e opinião, seria um “dispositivo moderno” que poria fim à experiência, pois ele se configura como a fabricação da informação e da opinião⁵. Nesse sentido:

[...] quando a informação e a opinião se sacralizam, quando ocupam todo o espaço do acontecer, então o sujeito individual não é outra coisa que o suporte informado da opinião individual, e o sujeito coletivo, esse que teria de fazer a história segundo os velhos marxistas, não é outra coisa que o suporte informado da opinião pública. (Larrosa, 2002, p. 22).

Se a informação e a opinião reduzem significativamente a possibilidade de constituição de uma experiência em seu sentido forte, a narrativa, ao contrário, constitui-se a partir dela (Benjamin, 1994c). A narrativa tem a sua arte determinada em grande medida em “[...] evitar explicações” (Benjamin, 1994c, p. 203), ela “[...] conserva suas forças e depois de

muito tempo ainda é capaz de se desenvolver” (Benjamin, 1994c, p. 204). Esta é sua força. A reflexão e o espanto derivam desta falta de explicação e de uma certa distância, produzida duplamente, tanto pelo que Benjamin qualifica como o “[...] longe espacial das terras estranhas [...]” (Benjamin, 1994c, p. 202), quanto pelo “[...] longe temporal contido na tradição [...]” (Benjamin, 1994c, p. 202). Aquele que ouve é, então, tentado a também tornar-se parte da história, emulando com ela. Não há um simples desejo de consumi-la, ou seja, de esgotá-la. Ao contrário, há o desejo de criar, de participar das suas possíveis ressonâncias.

É nesse contexto que podemos refinar de que tipo de tradição Benjamin fala. Longe de pensar a tradição como repetição do sempre idêntico, a reflexão sobre a arte de narrar nos coloca diante da ideia daquele legado que é transmitido às gerações futuras como uma base a partir da qual se constituem novas tradições. Nesse sentido, Benjamin pode afirmar que “Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (Benjamin, 1994c, p. 200).

É, em certo sentido, uma visão muito contemporânea sobre o tema da tradição, dispensando-a de uma visão essencialista e permitindo-lhe ser compreendida sob o prisma da mudança. Isso vai de encontro ao significado comum da tradição como aquilo que permanece sempre idêntico a si próprio.

Ao mesmo tempo, isso nos remete à ideia muito cara à reflexão de Benjamin sobre o estatuto do passado. O passado não é aquilo que já ocorreu e que está morto para sempre. Ele é algo sempre citável, que necessita sempre ser revisitado na medida em que dele emanam as vontades e desejos daqueles que foram vencidos. Cada geração recebe, assim, do passado “[...] uma frágil força messiânica [...]” (Benjamin, 1994a, p. 223).

A história tem se apresentado até os dias de hoje como um “[...] cortejo triunfal [...]” (Benjamin, 1994a, p. 225) em que os vencedores desdenham e zombam daqueles que foram derrotados. É preciso então, arrancar da tradição esse elemento de conformismo e recuperar *as contradições ainda vivas deste passado*, pois

5 Larrosa (2002) cita ainda como a falta de tempo e o excesso de trabalho.

estas possibilitam que, no momento presente, sejam vislumbrados outros futuros possíveis (Benjamin, 1994d).

Mais uma vez vemos como a tradição apresenta-se na forma de elementos contrários.

Assim, a transmissão da tradição, na forma de bens culturais, traz consigo não só a alegria daqueles que venceram, como também as dores e o sofrimento dos vencidos. Nesse sentido, afirma Benjamin, todos os bens culturais:

Devem a sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura (Benjamin, 1994d, p. 225).

A tradição, seus bens culturais, e o próprio processo de sua transmissão trazem a marca das gerações que lutaram, de seus desejos de vencer, de construir um mundo melhor. Ao mesmo tempo, porém, elas trazem a marca daqueles que venceram, constituindo-se também como elemento de justificação de sua dominação.

Enquanto o acento em “O narrador” recai sobre a ideia de uma tradição e um passado que não estão imobilizados, em “Experiência e pobreza” uma questão muito importante é a de instituir ou valorizar a novidade no momento em que essa tradição tornou-se um peso morto (Benjamin, 1994a, p. 115). Daí a utilização do termo barbárie usado em sentido duplo.

De um lado, Benjamin identifica a barbárie com este momento em que a experiência comunicável e coletiva, por tornar-se apenas repetitiva, deixa de possibilitar a construção de novas perspectivas. Mas, ao mesmo tempo, este também é um “[...] conceito novo e positivo de barbárie” (Benjamin, 1994a, p. 116), pois é a partir da pobreza da experiência que o bárbaro é impulsionado a “[...] partir para frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco, sem olhar nem para a direita nem para esquerda” (Benjamin, 1994a, p. 116).

Nossa experiência tornou-se pobre. Entretanto, este é o aspecto positivo da barbárie, a constatação dessa pobreza instiga o homem a inventar, a criar uma nova tradição. A invenção dessa nova tradição exige o abandono de uma determinada tradição que agora parece um peso morto e que se estabelece como um compromisso com o presente.

Podemos avaliar como o compromisso com o presente se manifesta em Benjamin em sua análise sobre as relações entre a arte e a técnica na modernidade em seu texto “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica” (Benjamin, 1994b). O desenvolvimento técnico permitiu uma forma de reprodução das obras de arte distinta daquelas até então existentes.

A obra de arte, reproduzida em grande quantidade, perde a sua aura, aquilo que lhe confere particularidade. Cada obra tem uma existência, uma história única, ao longo da qual sofre transformações (na estrutura física e na forma como se insere nas relações sociais de propriedade). É essa autenticidade que não acompanha a sua reprodução técnica que “[...] destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência serial” (Benjamin, 1994b, p. 168).

Mas Benjamin não vê esse processo como intrinsecamente negativo, como um desvirtuamento ou uma degeneração da verdadeira arte. Isso ocorre por dois motivos. De um lado, a utilização da técnica confere maior autonomia à reprodução, permitindo que sejam acentuados ou destacados aspectos que não ganhariam destaque na reprodução manual. De outro lado, a reprodução técnica pode permitir que a cópia ocupe espaços que não poderiam ser ocupados pelo original. Desse modo, a reprodutibilidade técnica abala a tradição e abre caminho para a “[...] renovação da humanidade [...]” (Benjamin, 1994b, p. 169).

A destruição da aura e a existência de novas formas de reprodução técnica ocorrem ao mesmo tempo em que há uma modificação na forma de percepção. Como afirma Benjamin, “[...] a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo em que seu modo de existência” (Benjamin,

1994b, p. 169). A percepção depende não só de características naturais, mas também históricas.

Entretanto, o desenvolvimento da técnica em nossa sociedade fez com que aos olhos do homem moderno, ela se apresente como algo que, em certo sentido, lhe é estranho. Ele a inventou, mas não a controla, sentindo-a como uma segunda natureza. Como consequência, o homem, assim como fez em relação à natureza primitiva, deve aprender como se relacionar com ela. Deriva daí o caráter positivo de algumas das novas produções culturais de massa, como, por exemplo, o cinema. De um lado, o cinema tem seu valor ligado à “(...) liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura” (Benjamin, 1994b, p. 169). De outro lado, suas produções possibilitam ao homem exercitar novas formas de percepção e de reação, originadas da crescente importância em sua vida do aparelho técnico.

Essa função do cinema é mais detalhada por Benjamin (1994b) a partir da comparação entre as imagens cinematográficas e uma pintura. Uma tela convida o espectador a contemplá-la. Ao observá-la, ele deve entregar-se aos seus pensamentos, instaurando, diríamos nós, um tempo lento. A imagem do cinema produz outra reação no espectador. Mal ele percebeu uma imagem e ela já foi substituída por outra. Seu processo de reflexão associado àquela imagem mal se iniciou e já foi interrompido. Isso leva o cinema a produzir um efeito de choque que deve ser interrompido por um excesso de atenção. Daí a afirmação de que o cinema corresponderia “[...] aos perigos existenciais mais intensos com os quais se defronta o homem contemporâneo” (Benjamin, 1994b, p. 192). Todo seu valor está relacionado às transformações no processo perceptivo.

Tal polêmica encobre uma importante consequência dessas transformações históricas que emanciparam a arte de seus fundamentos de culto. O desenvolvimento da técnica havia alterado a própria natureza da arte, ou seja, produziu a sua “*refuncionalização*”. Com isso, a função social da arte sofre uma modificação. Ela não se funda mais no ritual, mas, antes, na política.

Não seria, pois, um aspecto intrínseco da tecnologia estar associada à dominação e à

necessária liquidação da experiência em seu sentido forte. O que Benjamin aponta é para a possibilidade de estabelecer densidade em nossas experiências em um mundo marcado por novos ritmos.

Essas reflexões de Benjamin que aqui resumimos nos permitem afastar qualquer traço de nostalgia em sua obra. Ele apresenta-se, assim, como um autor profundamente engajado na reflexão sobre o seu tempo, na sua compreensão, sem abandonar qualquer tema, mesmo aqueles que poderiam ser tomados por mais “insignificantes”. De outro lado, essa reflexão se pauta em um compromisso ético, ancorado no legado de luta das gerações passadas, de uma determinada concepção de tradição que não deseja reforçar o poder dos vitoriosos. Só este posicionamento de valorizar o presente sem renegar o passado já o faz admirável.

4. Reflexões

As reflexões contidas nos escritos de Benjamin foram realizadas em um momento histórico diferente daquele que agora vivo. Nesse sentido, não me cabe buscar nelas um remédio para solucionar os desafios que me são apresentados no momento atual, principalmente aqueles que me interessam mais de perto e que estão relacionados à prática educativa. Seria mesmo temeroso e totalmente contrário ao espírito de sua obra realizar tal comparação, ou supor uma continuidade entre esses dois momentos. No entanto, parece-me que, em seus escritos, posso encontrar determinados elementos para balizar, ou instigar uma reflexão sobre o tema abordado neste texto.

Em primeiro lugar, parece-me de fundamental importância refletirmos sobre minha relação, como educador que sou, com as novas gerações. Se, por um lado, posso me identificar como sendo um depositário de uma determinada tradição calcada em uma cultura denominada erudita, clássica ou letrada, e em uma experiência de vida, devo pensar também

sobre o significado desse pertencimento⁶. Possibilitaria ele a assunção de uma posição de superioridade em relação às experiências das novas gerações?

Acredito que, na maioria dos casos, somos caudatários daquele tipo de “grande experiência” a que se refere Benjamin. Não me parece correto afirmar que o discurso dos educadores sobre os condicionamentos de sua prática exclui totalmente a consideração sobre características do mundo moderno. Nele estão presentes as modificações no contexto familiar, o surgimento de novas tecnologias e a percepção de que o jovem de hoje não é idêntico ao de outros tempos, ou diríamos melhor, iguais a nós mesmos quando éramos jovens.

Entretanto, mesmo quando esses fatores são levados em conta, eles o são majoritariamente de um ponto de vista negativo. Não há uma atitude de pensar essas mudanças a não ser do ponto de vista da crise. Ou seja, eles remetem necessariamente a uma formulação negativa. Nesse sentido, continuamos a avaliar aquilo que as novas gerações experimentam do ponto de vista de nossa experiência, de nosso tempo e daquilo que julgamos como correto.

Defrontados com as novas gerações, continuamos a lhes apontar a nossa experiência.

“No meu tempo...”, “a escola pública era de qualidade”, “os alunos estudavam e eram cobrados por seus professores”, “a educação fazia a diferença”, “não havia tantas facilidades”, “o aluno lia”, “o aluno era educado”, “a família estava na escola”, etc. Percebo que esse passado de “ouro” ainda é a referência para muitos de nós. A presença de tal passado mítico, imobilizado e sempre presente, é um impedimento para que possamos sequer perceber aquilo que os jovens experimentam hoje.

É claro também que, como professor, ou seja, como representante das gerações que me antecederam sinto-me responsável pelo futuro

de meus jovens alunos. Minha prática, por mais questionada e questionável que seja é, assim como a de outros colegas, realizada por acreditar que tenho um compromisso com cada jovem com quem convivo e que estou implicado naquilo que irá lhe acontecer para o melhor ou para o pior.

Entretanto, devemos também perceber que muitas das dificuldades que vivemos para poder fundar um diálogo entre as gerações deriva da força que muitos de nós ainda concebemos a esse passado mítico e, como consequência, na autoridade daqueles que nele viveram, que o experimentaram, ou seja, de nós mesmos.

Daí a importância de uma reflexão sobre o presente, apontada por Benjamin como tão necessária. Não basta perceber que mudanças ocorreram. É necessário avaliar os seus efeitos sobre a experiência das novas gerações, o que exige um compromisso de parte das gerações mais velhas em conferir positividade à experiência dos mais jovens.

Reconheço que ser jovem hoje é uma experiência muito diferente daquela de ter sido jovem há 25, 30 anos. Mesmo a minha geração, que já foi embalada pelas imagens da televisão, encontra-se hoje diante de um mundo completamente distinto. O que interessa aos jovens de hoje? Que aspectos da modernidade são por eles valorizados? Como eles os vivenciam?

Quais são suas angústias? Quais são as suas fantasias? Que elementos hoje mediam a construção de sua identidade e de sua subjetividade? Responder a tais perguntas é buscar entender as novas gerações. É, também, construir pontes, criar uma possibilidade de diálogo.

Ao mesmo tempo, isso possibilitaria às gerações mais velhas, perceber como também aponta Benjamin, o caráter dinâmico da tradição, ou seja, de que modo ela se transforma. Embora alguns elementos podem ainda parecer os mesmos, na realidade estão tendo seu papel alterado, pois passam a se inserir em um novo contexto produzido por essas transformações. No caso específico da educação, tais modificações têm incidido sobre a própria definição do trabalho escolar.

Mais ainda, cabe-nos perceber que, mesmo

6 Devo salientar que a compreensão da relação entre professores e alunos a partir do conceito de geração exige uma reflexão mais cuidadosa. Professores recém formados, ao entrarem para o magistério, passam a adotar um discurso que é comum aos professores que já atuam há muito mais tempo. Assim, neste trabalho, geração está sendo utilizada para acentuar certas continuidades no discurso dos docentes que não estão necessariamente relacionados à questão geracional.

algumas das práticas que merecem nossa aprovação como sendo representantes de uma verdadeira educação, estão, na realidade, sendo profundamente alteradas e ganhando novos significados. Continuamos a afirmar que nossos alunos não se interessam pela leitura e pela escrita. Mais ainda, que tecnologias como o computador e o uso da Internet são responsáveis diretos por essa falta de interesse.

Não se pode abandonar todo o legado positivo que permanece como conquista da humanidade. Em relação a ele temos uma dupla responsabilidade como educadores e como representantes daquilo que o passado pode nos proporcionar como força contestadora. Tal legado é que nos permite também assumir o papel crítico em relação às novas produções dos jovens, uma crítica, uma valoração, um *juízo*, baseados sempre na perspectiva da emancipação, do diálogo e do respeito.

Posso admitir que a escola em que trabalho parou, sim, no tempo. Que a educação que recebi, da forma pela qual recebi, hoje não está mais adequada aos novos tempos e aos novos jovens. Mas não questiono a importância da escola na construção de competências fundamentais para que nossos alunos possam apropriar-se de tudo o que de mais significativo produzimos.

Ao mesmo tempo, não se pode deixar de conhecer as novas produções culturais aos quais alguns jovens estão vinculados. É esse diálogo comprometido que possibilita o reconhecimento dos aspectos que nos tocam, nos passam, ou seja, que são significativos na medida que possibilitam um compromisso com um homem melhor e, como consequência, com um mundo melhor.

Como educador, devo me comprometer com a construção de tal experiência que requer:

À beira de outro mar, outro oleiro se aposenta, em seus anos finais.

Seus olhos se cobrem de névoa, suas mãos tremem: chegou a hora do adeus. Então acontece a cerimônia de iniciação: o oleiro velho oferece ao oleiro jovem sua melhor peça. Assim, manda a tradição, entre os índios do noroeste da América: o artista que se despede entrega sua obra prima ao artista que se apresenta.

E o oleiro jovem não guarda esta peça

perfeita para contemplá-la e admirá-la: a espatifa contra o solo, a quebra em mil pedaços, recolhe os pedacinhos e os incorpora à sua própria argila. (Galeano, 2007, p. 86)

Cabe-me buscar um caminho, decerto nada fácil, entre as duas posições citadas no início deste trabalho: um caminho entre o “desprezo aos jovens”, baseada na supervalorização da experiência e da autoridade dos mais velhos, e a prática de “adulá-los”, supondo que nossa experiência é vazia e nada teria de acrescentar às novas gerações.

Isso supõe um difícil meio termo em que, de um lado, não posso supervalorizar a “minha tradição” em detrimento daquilo que as novas gerações têm vivido, ao mesmo tempo em que não posso supervalorizar a “vivência dessas gerações”, considerando que nada tenha a lhes dizer.

Se abdicar do papel de educador, formal ou não, estarei abrindo mão também da possibilidade de transmissão daquela força transformadora a que se refere Benjamin passada a cada nova geração. O autor aponta para a dificuldade de constituição de uma experiência plena na modernidade, mas não para sua total impossibilidade. Por isso, creio que devo comprometer-me com a valorização daquilo que de melhor fomos capazes de transmitir de nosso legado cultural. Não acredito, talvez por vício de formação, na possibilidade de que cada geração possa começar seu caminho sem levar em consideração tudo o que foi feito antes dela⁷. Defendo, sim, essa ligação.

Termino com uma profissão de fé. Acredito que aquilo que produzimos de melhor deve ser incorporado às produções das novas gerações, não da mesma forma que um objeto valioso é herdado, devendo ser mantido sempre idêntico a si mesmo pelo resto dos tempos. Da mesma forma que a melhor obra do velho oleiro, desejo ver toda esta parte significativa de nosso legado

7 Pasolini (1990) afirma que “um homem de cultura (...) só pode estar extremamente adiantado ou extremamente atrasado, ou ambas as coisas ao mesmo tempo.” Tal posição lhe confere um papel privilegiado na medida em que o presente, no qual estão inseridos os jovens, só pode ser vivido, pois este possui apenas a linguagem das coisas. Pasolini reivindica, dessa forma, para o passado um papel de importância, pois é a partir dele que as gerações mais velhas distanciam-se do presente, não assimilando-o como natural.

cultural transformar-se em nova tradição, pontuando as novas produções culturais das novas gerações.

Referências

- Benjamin, W. (1970). *Sobre o programa de uma filosofia vindoura*. Caracas: Monte Ávila, C. A.
- Benjamin, W. (1984a). *Experiência. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus.
- Benjamin, W. (1984b). *A posição religiosa da nova juventude. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus.
- Benjamin, W. (1984c). *A vida dos estudantes. Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus.
- Benjamin, W. (1994a). *Experiência e pobreza. Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1994b). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1994c). *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, W. (1994d). *Sobre o conceito de história*. São Paulo: Brasiliense.
- Galeano, E. (2007). *As palavras andantes*. Porto Alegre: LP&M.
- Larrosa, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), pp. 20-19.
- Muricy, K. (1999). *Alegorias da Dialética*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará.
- Pasolini, P. P. (1990). *Os jovens infelizes*. São Paulo: Brasiliense.
- Quintana, M. (1986). *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo: Círculo do Livro.